



Dossiê

***Fenomenologia e marcadores
sociais da diferença:
diálogos contemporâneos***

A fenomenologia de um atendimento em plantão psicológico:
considerações étnico-raciais e violência a partir de uma prática de estágio

*The phenomenology of psychological on-call care:
ethnic-racial considerations and violence based on internship practice*

DOI: 10.12957/ek.2024.89271

Elizangela André dos Santos¹

Universidade Paulista - UNIP
elizangela.sa3@gmail.com

Fábio Batista de Sousa²

Universidade Paulista - UNIP
fabiob.psico@gmail.com

RESUMO

Este trabalho é o resultado de um estágio supervisionado na modalidade Plantão Psicológico no ano de 2024. Os atendimentos foram realizados por três estudantes de dois grupos de supervisão do décimo semestre do curso de Psicologia de uma instituição de ensino superior privada. O artigo reflete sobre o encontro entre o terapeuta e a pessoa, oferecendo uma síntese do que é Plantão Psicológico, ou seja, um serviço de apoio psicológico que proporciona uma escuta especializada sempre que a pessoa deseja receber atenção e ajuda imediatos, sem necessidade de marcação prévia. Neste contexto, foram atendidos uma mãe e o seu filho, tendo em conta as relações raciais no Brasil. Com base nos estudos pós-coloniais, foi possível ampliar o estudo das situações clínicas vividas durante a supervisão do estágio na clínica-escola e da fenomenologia existencial, enquanto enfoque psicológico. Tendo em conta que os alunos estão concluindo a graduação, compreende-se que este trabalho contribuiu para integrar os diversos conhecimentos adquiridos ao longo da formação em relação com os processos de sofrimento, patologização da vida, violência, sofrimento ético-político, questões étnicas e de gênero, bem como o compromisso social da psicologia.

¹ Docente do curso de Psicologia da UNIP – SP. Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2016).

² Docente do curso de Psicologia da UNIP – SP. Mestre em Educação: Psicologia da Educação pela PUC-SP. Psicólogo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Palavras-chave

Estudos pós-coloniais. Clínica Fenomenologia-existencial. Estágio em Psicologia. Violência racial.

RESUMEN

Este trabajo es el resultado de una práctica en la modalidad de atención psicológica de urgencia en 2024. Los atendimientos fueron realizados por tres estudiantes de dos grupos de supervisión del décimo semestre del curso de Psicología de la Universidad Paulista. El artículo reflexiona sobre el encuentro entre el terapeuta y el paciente y ofrece una síntesis de lo que es el Guardia Psicológica, es decir, un servicio de apoyo psicológico que proporciona una escucha especializada cuando la persona desea recibir atención y ayuda inmediatas, sin necesidad de cita previa. En este contexto, se atendió a una madre y a su hijo, teniendo en cuenta las relaciones raciales en Brasil. Con base en los estudios poscoloniales, fue posible ampliar el estudio de las situaciones clínicas vividas durante la supervisión del estágio en la clínica-escuela y de la fenomenología existencial como enfoque psicológico. Teniendo en cuenta que los alumnos están concluyendo la carrera, se puede afirmar que este trabajo ha contribuido a integrar los diversos conocimientos adquiridos a lo largo de la formación en relación con los procesos de sufrimiento, patologización de la vida, violencia, sufrimiento ético-político, cuestiones étnicas y de género, así como el compromiso social de la psicología.

Palabras clave

Estudios pós-coloniais. Guardia psicológica. Fenomenologia-existencial. Stage en psicología. Violencia racial.

1 INTRODUÇÃO

O pensamento pós-colonialista tem alargado o campo de conhecimento, especialmente em virtude das desigualdades que afetam a população no Brasil e na América Latina. O encontro *Genocídio da População Negra*, organizado pelo Conselho Regional de Psicologia – CRP/SP, no ano de 2014 apontou como a psicologia e a medicina, podem naturalizar a violência ao longo da história no país. No campo da violência, foi possível notar o expressivo número de pessoas negras morrem de causa violenta 35.213 pessoas negras, ou seja, um jovem negro tinha três vezes mais chances de ser morto que um jovem branco, Atlas da Violência, (2025).

Os dados produzidos pelo Relatório Técnico de Saúde da População Negra (2023) reconhece o racismo como determinante social já previsto no Estatuto da Igualdade Racial (2010) e passa a considerar o racismo no Brasil contrariando a democracia racial. Outro passo foi a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra³ (2017), aprovada

³ O PNSIPN é fruto da luta dos movimentos negros e juntamente com o Ministério da Saúde enfrenta as iniquidades e vulnerabilidades no campo da saúde da população negra ligado a morte precipitada pela violência urbana, e altos índices de violência, também na esfera institucional. Promover a qualidade da

no ano de 2009, para juntamente com o Sistema Único de Saúde atuar na promoção da igualdade. Os documentos produzidos a partir da reivindicação dos movimentos negros no ano de 2023, foi aprovada a Estratégia Antirracista para a saúde no Ministério da Saúde.

Orientado pelas discussões mencionadas, este artigo apresenta algumas reflexões gestadas a partir da prática do estágio curricular obrigatório em Plantão Psicológico, realizado no serviço-escola de uma instituição privada de ensino superior localizada na cidade de São Paulo.

Retoma-se que no contexto do plantão psicológico, os estagiários articularam atendimentos no serviço-escola com as disponibilidades institucionais, como o quintal de uma igreja, o almoxarifado de uma escola, ou até mesmo o pátio de uma instituição socioassistencial. Com frequência, percebe-se que os estagiários, ao conduzirem os processos de atendimento anseiam realizar intervenções que proporcionem aos clientes acolhida, insights, explicações e/ou soluções para as questões apresentadas durante os atendimentos.

Para organizar a construção deste texto, foi selecionada uma situação clínica vivenciada em 2024, sendo que ao longo do ano letivo, os atendimentos e as supervisões realizadas pautaram algumas reflexões abordando a atuação em psicologia, e o enfrentamento de situações de violência, tais como; a desigualdade social, o racismo e a questão de gênero. Trechos do caso são apresentados com o objetivo de discutir a violência, inclusive nos estágios clínicos com base nas referências citadas anteriormente ao caracterizar o plantão, e também, nos autores pós colonialistas como o psiquiatra negro Fanon e o antropólogo Quijano.

A supervisão de estágio buscou ampliar as discussões e pensar esses e outros aspectos do exercício profissional, como os aspectos étnico-raciais que constituíam a população atendida com o apoio de autores da sociologia, antropologia e estudo com base pós colonial.

2 O PLANTÃO PSICOLÓGICO NA UNIP

saúde e condições para a inserção dos sujeitos nas diferentes esferas da sociedade de maneira digna, promovendo sua autonomia e cidadania.

A atuação em plantão psicológico é uma das possibilidades de estágio regular disponibilizadas aos alunos que estão cursando o nono e o décimo semestre de psicologia em uma instituição privada de ensino superior presente na cidade de São Paulo. Nesta, o plantão psicológico é compreendido como uma modalidade de trabalho que busca ofertar atendimento imediato, no momento em que o cliente buscar o acolhimento e dispensando o agendamento prévio.

A duração da sessão não possui um tempo pré-determinado, posto que o atendimento, além de ofertar acolhida, também busca colaborar para com a compreensão da demanda de quem solicitou o atendimento. Acerca da frequência, prioriza-se o encontro único, contudo, se necessário, a fim de colaborar para com a reflexão e a compreensão da demanda, podem ser agendados atendimentos de retorno. Entendimento semelhante apresentou Chalom (1999), que narrou que o

[...] tanto o profissional como o cliente devem saber da possibilidade de esse encontro ser único. A percepção da limitação temporal vai gerar uma modificação interna nos participantes do encontro. Possibilitará ao plantonista uma maior sensibilidade frente as questões do cliente, e esse, por sua vez, tentará reorganizar sua demanda de maneira a hierarquizar e priorizar aquilo que é mais importante para si naquele momento (Chalom, 1999, p. 167).

No contexto em que foi pensado este trabalho, os alunos-estagiários podem trabalhar individualmente ou em duplas, e realizam atendimentos “internos”; no espaço do serviço-escola, e, “externos”; em instituições conveniadas localizadas na região metropolitana de São Paulo e que atuam nas áreas da saúde, educação ou socioassistencial.

No caso das sessões internas, a frequência de atendimentos está atrelada à procura da clientela pelo serviço-escola. Neste formato, os alunos têm a possibilidade de, se julgarem necessário, realizar uma breve pausa na sessão para dialogar em supervisão acerca do atendimento e sua condução. Ao ponto que na prática externa, os atendimentos nas instituições ocorrem datas combinadas previamente com a instituição, com os estagiários apresentando suas experiências e reflexões nas supervisões, entre um comparecimento e outro à instituição onde o trabalho é realizado.

Explicita-se que no presente serviço-escola, os alunos atuam a partir da perspectiva fenomenológico-existencial, revisitando outros saberes da psicologia que abordem contextos semelhantes ao da população acolhida e/ou o contexto em que são

atendidos. O empenho por articular eticamente diferentes saberes anseia capacitar os agentes responsáveis pelos atendimentos, entendendo que

[...] o plantão psicológico é um instrumento que se propõe a facilitar o resgate de uma visão mais integrada do cliente (Psico-Bio-Social). O plantonista não deve estar atento apenas às queixas psicológicas do cliente, mas sim, no modo a situação conflitiva interfere nas várias esferas da vida da pessoa (Chalom, 1999, p. 171)

Sobre a perspectiva fenomenológica-existencial, anteriormente mencionada, esta compreende que o ser carece de ser compreendido em seu horizonte existencial, visto que habita um mundo historicamente herdado. A existência, em si, não possui um sentido definido a priori, sendo que eventuais sentidos são constituídos no contato com as outras pessoas com as quais compartilha o mundo (Critelli, 1996). Do acolhimento psicoterapêutico em *Daseinsanalyse*, é esperado que a sua prática colabore para com o desvelamento dos sentidos ocultos na narrativa contada pelo paciente (Feijoo, 2015).

Ainda sobre a atuação no campo do plantão psicológico, psicologia humanista-existencial também oferece subsídios para a prática do plantão. Esta abordagem compreende-se que a intervenção em psicologia carece essencialmente ofertar acolhida incondicional e ansiar a compreensão do que está sendo apresentado pelo cliente. Aqui, colaborar para com a construção de alguma forma de lidar com o que está sendo vivido é uma possibilidade, e não um objetivo. Como um todo, nesta modalidade de trabalho não é necessário apresentar ao cliente explicações ou soluções acerca do fenômeno narrado, mas sim, colaborar para que o mesmo se aproprie de sua queixa.

A prática do plantão também foi orientada pela noção de cartografia clínica. Este conceito, explicitado por Braga, Mosqueira e Morato (2012, p. 557), considera que “cl clinicamente, nunca se escutam queixas puras, mas já mescladas no caldo interpretativo de sua realidade, no qual se forjam as relações de vida em situações com outros nos cenários do cotidiano”. Assim, compreender cartograficamente o mundo experienciado pelo cliente atendido em plantão envolve, através da escuta clínica, conhecer o cenário onde está sendo realizada a atividade, investigando as relações interpessoais e as possibilidades de atuação.

3 APRESENTANDO PEDRO E MARIA⁴

⁴ Por sigilo ético-profissional, neste trabalho os nomes das pessoas atendidas foram alterados.

Para fundamentar a reflexão acerca desta modalidade de estágio, os autores selecionaram uma situação-clínica que será brevemente apresentada:

Maria, mulher preta⁵, 49 anos, trabalhadora, e o seu filho Pedro, homem, 28 anos, auxiliar de importação, buscaram o atendimento no Centro de Psicologia Aplicada – Marquês, no ano de 2024. Por conta da organização do serviço-escola, Pedro e Maria foram acompanhados por estagiários de diferentes turmas, e ambos os atendimentos foram discutidos pelas suas respectivas turmas de estágio.

Maria e Pedro contaram que há cerca de cinco anos ele foi abordado pela polícia próximo a sua residência e preso injustamente, passando alguns meses encarcerado em uma instituição superlotada. Após este evento, ele passou a expressar isolamento, nervosismo, desmaio, medo e sensação de mal-estar. Reações que, segundo o paciente, prejudicavam o transcorrer de sua existência e o impeliu a questionar se o seu funcionamento psíquico poderia ser considerado “normal” ou não.

Acerca do trabalho conduzido pela equipe de estágio, os pacientes foram acolhidos, sendo que os estagiários buscaram ofertar acolhida e colaborar para com o desvelamento e compreensão dos afetos envolvidos, e, entendendo que a reflexão precisava ser continuada, realizaram o encaminhamento de Pedro para psicoterapia no próprio serviço-escola.

4 REFLEXÕES ACERCA DA ATUAÇÃO NO PLANTÃO PSICOLÓGICO

Para Jean Paul Sartre (1905-1980), a liberdade e a consciência remetem a supremacia dos atos. Ao mesmo tempo, confronta a apatia (Bakewell, 2017). O autor propõe a ação, e o humanismo “porque é a única filosofia capaz de tornar a vida humana digna de ser vivida”, (Penha, 2004). Considera o fato de assumir as escolhas condicionada a sociedade que vive “[...] o legislador que, ao escolher para si mesmo, escolhe também para a humanidade inteira” (Penha, 2004, p. 48).

O plantão indica que há espaço para a resistência e as dúvidas por parte de profissionais e estudantes de psicologia quando se trata do atendimento a partir do quesito raça/cor, aspecto discutido na publicação do Conselho Federal de Psicologia, intitulada Relações raciais: referências técnicas para a prática da(o) psicóloga(o):

⁵ A ficha de identificação não inclui o quesito raça/cor, desta forma, a racialização surge somente se a pessoa trazer a situação de racismo ou se os/as estagiários/as considerarem como um dado relevante.

Após ter os dados sobre o perfil racial da população atendida, cabe proceder à análise, atentando para possíveis distorções e/ou diferenças nos serviços/ qualidade da assistência oferecida. Se possível, verificar séries históricas, bem como fazer o cruzamento do quesito raça/cor com outros dados, tais como gênero, idade e escolaridade, considerando o aumento do acesso ao serviço/melhoria dos resultados. (CFP, 2017, p.118)

Existem condições para realizar a escuta e o cuidado que podem dialogar com a ética profissional (CFP, 2005) “[...] O escravismo colonial jamais teria sido possível sem milícias de engenho, de fazendas ou minas, e jamais sem o exército imperial (Filho, 2021, p.143).

No plantão psicológico de Maria, o limite a ser considerado é a maneira que poderia ter ajudado o filho. Reflete sobre a sua ausência como mãe trabalhadora. Diz sobre as condições atuais vividas com o atual companheiro, sobre ser mãe de Pedro.

Desde a transição para a democracia, o apoio governamental ao uso da violência policial como instrumento de controle político diminuiu no país e praticamente desapareceu nos estados das regiões Sul e Sudeste. Embora essa modalidade de uso da violência policial tenha diminuído, a violência policial enquanto tal não desapareceu, passando a ser usada sobretudo como instrumento de controle social e mais especificamente como instrumento de controle da criminalidade. Além disso, com o declínio do uso político da violência policial, o problema da violência policial se tornou mais visível, ou melhor, emergiu como um problema diferente e independente do problema da violência política, afetando não apenas os oponentes do governo ou do regime político mas também, e principalmente, a população pobre e marginalizada (Mesquita-Neto, 1999, p.130)

5 CASO SOBRE VIOLÊNCIA POLICIAL

Maria é uma mulher, aproximadamente 40 anos, trabalhadora, busca o serviço-escola para acompanhar um dos filhos e é atendida pela equipe do plantão psicológico. A escuta acontece através do encontro entre plantonista e a atendida, e diversas situações envolvendo a violência e o sistema policial e prisional são narradas pela paciente. A princípio, houve o relato da sensação de culpa de não ter protegido o filho, segundo ela, por não ter conseguido “provar a sua inocência”. Sendo que ao longo do atendimento foi percebida a acusação dos esforços para provar a inocência do filho.

Retoma-se que em uma perspectiva fenomenologia-existencial (Bruns e Trindade, 2011) a *dasein* ao entender a pessoa submersa no mundo e a impossibilidade de satisfação nele e volta-se para o estado de ânimo: “[...] O único estado de ânimo que lhe permite

perceber a si como principal referência para seu existir no mundo e não o exterior é a angústia” (Bruns e Trindade, 2011, p.85).

A angústia acolhida pela atitude fenomenológica permite ao plantonista avançar diante da impotência vivida pela atendida e superar a perspectiva colonial problematizada por Filho, entendidos pelo autor como sofrimentos históricos. O autor fala sobre o ato de ignorar as revoltas ameríndias, afro-americanas e proletárias:

O escravismo colonial brasileiro jamais teria sido possível sem milícias de engenho, de fazendas ou minas, e jamais sem o exército imperial, que se mostram muito pouco conscientes de si próprios como servidores públicos e, pelo contrário, são inclinados ao comportamento de mordomos armados, deita raízes em regimes de exploração, espertos em tornar os explorados perseguidos de explorados (Filho, 2021, p.143).

6 VIOLÊNCIA E O PENSAMENTO PÓS COLONIAL

A desenvoltura relatada na vivência acima por Sartre toma outro rumo no encontro com Fanon. Sartre aceita o convite para escrever o prólogo do livro *Los Condenados de la Tierra* (Fanon, 2016):

Aterrorizadas, sí: en ese momento, la agresión colonial se interioriza como Terror en los colonizados. No me refiero sólo al miedo que experimentan frente a nuestros inagotables medios de represión, sino también al que les inspira su propio furor. Se encuentran acorralados entre nuestras armas que les apuntan y esos tremendos impulsos, esos deseos de matar que surgen del fondo de su corazón y que no siempre reconocen: porque no es en principio su violencia, es la nuestra, invertida, que crece y los desgarrar; y el primer movimiento de esos oprimidos es ocultar profundamente esa inaceptable cólera, reprobada por su moral y por la nuestra y que no es, sin embargo, sino el último reducto de su humanidad (Fanon, 2016, p.17).

Outra reflexão é a violência e o modo que o pensamento colonial orienta e atinge determinados grupos Quijano (2014). Os estudos mostram que a violência é mantida pelas relações coloniais, pela inferiorização de aspectos fenotípicos, culturais e cognitivos. O que impressiona o autor não é a capacidade de difusão de um horizonte hegemônico na modernidade, mas que os europeus “[...] fueran capaces de difundir y de establecer esa perspectiva histórica como hegemónica dentro del nuevo universo intersubjetivo del patrón mundial de poder.” (Quijano, 2014, p.790)

Para Fanon (2016) em assim como Quijano a perspectiva crítica decolonial precisa considerar a aproximação dos países colonizadores e que impõe condições para uma nova

subordinação, em nome do capital. A apropriação histórica de um modo de se relacionar com países que subtraem - bens culturais, por exemplo – e impõe condições violentas, mas ditas caridosas.

O colonizado passa então a ter reivindicações mínimas para a descolonização que deixa de sustentar as relações de subordinação e passam pela construção de uma nova linguagem e aponta para o caminho de uma nova humanidade. A violência para o autor, surge quando existe qualquer movimento que se entende como ameaça.

Franz Fanon, um psiquiatra martinicano negro é citado no encontro no CRP-SP como um dos pensadores negros que discute as relações coloniais, e promotoras da manutenção da violência. No livro *Pele Negra e Máscaras Brancas*, a psicanalista negra Grada Kilomba relata a ausência da discussão, por exemplo, das relações de gênero na obra do autor. A filósofa negra Djamila Ribeiro faz alusão a invisibilidade da mulher negra em uma Convenção Feminista no século XIX a ativista negra e escritora, Isabela Baumfree, adota o nome de Sojourner Truth critica a construção do processo histórico feminista:

[...] a urgência por existir e a importância de evidenciar que mulheres negras historicamente estavam produzindo insurgências contra o modelo dominante e promovendo disputas de narrativas. (Ribeiro, 2019,p.43)

Para Lélia Gonzales, historiadora, professora universitária negra, ativista do movimento negro que vive um processo violento que marca a sua vida após o casamento interracial. A família do marido descobre que o casamento não era um concubinato, mas sim, um casamento formal. Lélia diante dos xingamentos da família passa a lidar de forma crítica para as apreender as barreiras raciais (Ratts e Rios, 2010). Aos poucos a trajetória pessoal e profissional apresenta para Lélia o modo violento que a racialização atua no Brasil e promove privilégios na esfera acadêmica. Ao mesmo tempo corrobora para sua atuação ativa no enfrentamento ao racismo (Ribeiro, 2019). O modo que ao adentrar na família, a autora é discriminada pela cor da pele como um demarcador racial encoberto pela democracia racial brasileira, indicando as forças sistemáticas que operam na esfera da violência racializada de gênero (Atlas, 2025).

A violência quando não apresentada pelo pensamento descolonizado e não considerada pelo profissional da psicologia, pode cooperar com sua invisibilidade do

sofrimento e nas relações coloniais. Por trás de processos violentos está o que a racialização invisibiliza, mas que não aparece no cuidado.

A proposta é uma urgente reflexão sobre a multidisciplinariedade e aspectos históricos. O exemplo do racismo na vida de Lélia Gonzalez para os movimentos negros e para a vida de mulheres negras, e do próprio Sartre do envolvimento do colonizador e de uma compreensão dos grupos que sustentam a violência.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que a multiplicidade de situações-clínicas vivenciadas no estágio em plantão psicológico permite aos estagiários refletir sobre a sua atuação, questionando as habituais noções de setting, relação terapêutica e manejo clínico. Considerando o atendimento mencionado neste trabalho, também foi possível ponderar acerca de aspectos da realidade brasileira que comumente constituem as queixas de quem procurou atendimento, como a desigualdade social, o racismo e a violência em suas diferentes manifestações. Aqui, foi possível ampliar a reflexão e ponderar acerca de estratégias de enfrentamento as situações que evocam sofrimento e exclusão na realidade brasileira.

Entende-se que esse movimento oportuniza a constituição de uma identidade profissional ética e comprometida socialmente, que reconhece a necessidade do aperfeiçoamento teórico-técnico, porém, dispensa o recorrente ensejo por técnicas e procedimentos acrílicos, habilitando o profissional a questionar também alguns fenômenos atuais, como a patologização e a medicalização da existência além da violência racial, tratada no presente estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKEWELL, S. *No café existencialista: O retrato da época em que a filosofia, a sensualidade e a rebeldia andavam juntas*. Trad. Bottmann. Rio de Janeiro: Objetiva, 1ª ed., 2017.

BRAGA, T. B. M.; MOSQUEIRA, S. M.; MORATO, H. T. P. Cartografia clínica em plantão psicológico: investigação interventiva num projeto de atenção psicológica em distrito policial. Em: *Temas em Psicologia*. Vol. 20, no 2, 555 – 569. 2012

BRASIL. Instituto de estudos para políticas de saúde. *Relatório Técnico nº2/2023* - Saúde da População Negra.

BRASIL. Ministério da Saúde. *PORTARIA GM/MS Nº 2.198*, 6 de dezembro de 2023. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-gm/ms-n-2.198-de-6-de-dezembro-de-2023-528577869>.

BRUNS, M. A. de T. TRINDADE, E. 2011. Metodologia Fenomenológica: a contribuição da ontologia-hermenêutica de Martin Heidegger. Em: BRUNS, M. A de T. HOLANDA, A. F. *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas*. Campinas: Editora Alínea, p. 77-92, 2011,

CHALOM, M. et al. A experiência de implantação de um serviço de plantão psicológico no Projeto esporte-talento por alunos de graduação do IPUSP. Em: MORATO, H. T. P. (Org.) *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999, p. 177-185.

CRITELLI, D. M. *Análítica do Sentido: Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: Educ-Editora Brasiliense, 1996.

FEIJOÓ, A. M. Solidão, cristalização da identidade feminina e a clínica psicológica existencial. In: FEIJOÓ, A. M. L. C. & PROTASIO, M. M. (Orgs.). *Situações clínicas I – Análise Fenomenológica de Discursos Clínicos*. Rio de Janeiro: IFEN, 2015, cap.1, p. 17- 45.

FANON, F. *Los condenados de la Tierra*. Bolívia: Ministerio del Trabajo, Empleo e Previsión Social, 2016.

FILHO, J. M. G. Medicalização e humilhação social. Em: OLIVEIRA, E. C. de.; VIÉGAS, L. de S.; MESSENDER NETO, H. da S. (Orgs.). *Desver o mundo, perturbar os sentidos: caminhos na luta pela desmedicalização da vida*. Salvador: EDUFBA, 353 p. 137-160, 2021.

L. MESQUITA-NETO, P.. Violência policial no Brasil: abordagens teóricas e práticas de controle. Em: PANDOLFI, D. [et al] (Orgs.). *CIDADANIA, Justiça e Violência*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, p.129-148, 1999.

PENHA, J da. *O que é existencialismo*. 1ª ed. São Paulo: editora Brasiliense, 2004.

PATERNAIN, R. Violencia Policial sobre adolescentes y jovenes en Montevideo. Em: *Espacio Abierto Cuaderno Venezolano de Sociología*, v. 26, n. 4, p. 79-96, Out/Dez. 2017.

RIBEIRO, D. *Lugar de Fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RATTS, A. RIOS, F. *Lélia Gonzalez*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

QUIJANO, A. Colonialidade del poder, eurocentrismo e América Latina. Em: *Cuestiones y horizontes : de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2014. <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140507042402/eje3-8.pdf>

Recebido em: 20/01/2025 | Aprovado em: 21/05/2025